

“WARAO NA UFAL”: A DIVERSIDADE NA EXTENSÃO EM DIÁLOGOS INTERCULTURAIS COM MIGRANTES INDIGENAS VENEZUELANOS NO CAMPUS MACEIÓ

“WARAO NA UFAL”: DIVERSITY IN EXTENSION IN INTERCULTURAL DIALOGUES WITH INDIGENOUS VENEZUELAN MIGRANTS AT CAMPUS MACEIÓ

Edilma de Jesus Desidério¹

Luiza Cristina Silva Silva¹

Gabriela Kelly Pacheco dos Santos¹

¹Universidade Federal do Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

RESUMO

Produto das estratégias pedagógicas, metodológicas e colaborativas articuladas para realizar práticas acadêmicas de Extensão, Pesquisa e Ações Curriculares de Extensão, foi exposto na Universidade Federal de Alagoas em 2022 a pauta da migração internacional indígena venezuelano abrindo uma importante brecha para o conhecimento sobre o tema e a problemática warao no município e nas ruas de Maceió. O objetivo do artigo é contribuir para o debate sobre a extensão universitária a partir da apresentação de experiências etnográficas que resultaram de projeto sobre a migração indígena venezuelana warao presente em Alagoas. A metodologia é de tipo qualitativa, de revisão documental e dos conteúdos publicados em meios digitais; realiza-se a análise das informações recopiladas nas ações de extensão que foram desenvolvidas na Universidade Federal de Alagoas, Campus Maceió, no período de 2022 e 2023. O resultado reforça a importância do trabalho colaborativo e das possibilidades geradas nos espaços de interação e vivências produzidos nas diversas ações criadoras de conhecimento e sensibilização sobre o tema migratório.

Palavras-chave: migração; diversidade; extensão; fronteira; enfoque transdisciplinar.

ABSTRACT

The pedagogical, methodological, and collaborative strategies used to implement academic practices in Extension, Research, and Curricular Actions of Extension are the product. In 2022, the Federal University of Alagoas hosted a presentation on international indigenous migration creating a significant gap in understanding about the subject and the warao issue in both the municipality and the streets of Maceió. This article aims to contribute to the debate on university extension by presenting ethnographic experiences. The project focused on the migration of Venezuelan indigenous groups, warao, to Alagoas. The approach is qualitative,



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

n. 63 | 2024 | p. 181-202

involving reviewing documents and publishing content on digital media; the examination of the data collected in the extension measures developed at the Federal University of Alagoas, Campus Maceió, between 2022 and 2023. The outcome reinforces the significance of collaborative work and the possibilities created in spaces of interaction and experiences produced through various actions to create knowledge and awareness about the migration issue.

Keywords: migration; diversity; extension; border; transdisciplinary approach.

INTRODUÇÃO

A Extensão, enquanto um dos pilares da educação brasileira, assim como a Docência e a Pesquisa, apresenta-se como um desafio acadêmico, seja pela limitação seja pela dificuldade na execução das ações. Nesse sentido, torna-se igualmente um desafio executar projetos, enquadrando-os em características específicas de tipo: extensão-ação, extensão-curricular ou extensão-teórica.

Diante disso, a argumentação e articulação de ideias que estarão postas neste trabalho parte da experiência de realização de três projetos submetidos a editais distintos, os quais foram: projeto de extensão, projeto de iniciação científica (Pibic) e projeto vivências artísticas. A intenção era contemplar o tema objeto dessas pesquisas: a migração venezuelana indígena warao com presença no Município de Maceió, Alagoas.

Este trabalho expõe ações concretas e traz uma reflexão teórica crítica e metodológica sobre o lugar da extensão como pilar na educação. Além disso, tem como objetivo contribuir para o debate a partir da apresentação de experiências etnográficas desenvolvidos por projetos sobre o tema da migração indígena venezuelana warao em Alagoas. A metodologia é de tipo qualitativa, concretizada a partir de revisão documental e dos conteúdos publicados em meios digitais como grupos de WhatsApp que, pela sua amplitude, tornam-se conteúdos públicos. As fontes dos dados apresentados neste artigo partiram das informações recopiladas nas ações de extensão, que foram desenvolvidas na Universidade Federal de Alagoas, Campus Maceió, no período entre 2022 e 2023.

Aplicam-se técnicas qualitativas baseadas em metodologias participativas e com ênfase nas ações, interações e, sobretudo, na situação das famílias migrantes warao em Maceió (Baskerville; Myers, 2004; Villasante, 1995).

Os projetos, no âmbito da diversidade, envolveram ações, agentes e atores, cursos, perfis estudantis, comunidades e populações, vinculando uma multiplicidade de conhecimentos, práticas e saberes experienciados durante o período de 2022 a 2023.

METODOLOGIAS DE AÇÕES PARTICIPATIVAS NA EXTENSÃO (MAPEX)

Mais além de terminologias conceituais, o exercício metodológico foi de ajustes de experiências metodológicas, provadas conjuntamente entre o conhecer a extensão pelo modelo brasileiro e aprender novas formas de extensão vividas como experiências pelo projeto vinculação comunitária, do modelo de Educação Intercultural no México.

Metodologicamente, haveria um diferencial entre extensão e vinculação, dado que o segundo termo tem uma relação muito particular com a interculturalidade. No México, historicamente, tem havido em todas as Instituições de Educação Superior o desenvolvimento de um modelo que se delineia na perspectiva de envolver universidade e comunidade que são, segundo Alcántara (2004, p. 79), “constituídos para compartilhar, de determinada maneira, sua cultura e conhecimentos com o setor social que tem tido acesso à educação de nível superior”.

Nesse sentido, a partir da experiência com esses dois modelos (vinculação comunitária no México e extensão universitária no Brasil) foram estruturadas uma combinação de estratégia pedagógico-metodológica, as quais definiram-se como marco instrumental para os projetos realizados na UFAL; essa combinação trata-se da Metodologias de Ação Participativa na Extensão (Mapex).

Considera-se que um desenho metodológico, em si mesmo, contém uma infinidade de desafios que surgem, seja para a elaboração prévia seja para o trabalho de campo, em muitos casos como desafio, ainda mais quando utilizam-se novas ferramentas e métodos atualizados pelas novas tecnologias digitais, considerando a etnografia digital como método de pesquisa; Mercado (2012) chama a atenção sobre os múltiplos modos de recopilar informações de fontes primárias, com uso da etnografia virtual, aquelas conhecidas como webnografia, ciberantropologia, netnografia, entre outras que se incorporam às práticas.

A Mapex parte de métodos tradicionais como a etnografia e a observação participativa, combinando ferramentas com o uso das tecnologias digitais para entender os discursos e retóricas publicados na internet e em outros meios como o whatsapp. Dois elementos foram considerados na base das propostas, que são: a essência participativa e as decisões tratadas democraticamente em todas as propostas, processos e nas diferentes etapas de realização. É importante ressaltar que o objeto de estudo era a migração internacional warao e o produto acadêmico que estaria dialogando com todos os demais era o “projeto âncora”; ou seja, foi através do desenvolvimento do Pibic 2022-2023 que todas as atividades eram conduzidas para criar e implementar produtos e dinâmicas, de tal maneira que deveriam alimentar a explicação sobre a totalidade na problemática da migração Warao em Alagoas.

Nesse contexto, considerou-se as seguintes etapas como importantes dessas metodologias: a) Instrumentalização da observação participante; b) Investigação participativa, redesenhando um plano que combina métodos, metodologias e tecnologias digitais. A compilação de informações de campo se compartilhou e se ajustou às técnicas, mais ou menos flexíveis: a) da ação participativa da extensão em si mesma que implicava compartilhar e transmitir o sentido e o sentimento ante tal ou qual informação; e b) da avaliação e autoavaliação, estimando como feedback necessário e, em alguns momentos, importantes para redefinir estratégias, rotas e implementações de atividades, redigir relatórios, conjuntar ideias, debater pautas.

POR ONDE COMEÇA? ESCALAS DE MOBILIDADE MIGRATÓRIA WARAO NO BRASIL

O Povo Warao, um dos cinquenta povos indígenas existentes e identificados no território nacional da Venezuela, são, tradicionalmente, habitantes do delta do rio Orinoco e, segundo dados do Unfpa (2006), essa etnia seria uma das menores em volume de população, indicando como a mais representativa a etnia wayúu (84%).

Segundo a literatura especializada, ocorre uma “heterogeneidade cultural dos Warao, advinda da multiplicidade de povos no período pré-colonial no Delta do Rio Orinoco e suas adjacências que os reuniam em torno de uma unidade linguística”; aspectos esses que têm caracterizado o povo indígena Warao (Yamada; Torelly, 2018, p. 65).

No Brasil, além do aspecto demográfico que destaca o movimento migratório transfronteiriço, estão as relações de vizinhança estabelecidas entre os residentes de municípios de faixa fronteiriça e cidades gêmeas na região amazônica, amplamente estudados principalmente em Roraima, por Rodrigues *et al.* (2008). Dessa forma, faz-se importante entender como essa mobilidade passou de um fenômeno conjuntural a um evento geográfico e populacional contingencial, evidenciado de maneira exponencial através dos inúmeros fluxos existentes na região transfronteiriça entre Brasil e Venezuela.

Ocorre nessa fronteira, historicamente, um deslocamento de pessoas que cotidianamente ou temporalmente realizam uma mobilidade circular (pendular), seja em decorrência das possibilidades de atuarem nas atividades de mineração, no comércio local e no setor de transportes, seja para atividades ilegais como o tráfico de mulheres, contrabando de combustível e câmbio ilegal de moeda (Rodrigues, 2009).

Considerando a contingência provocada pela situação política da Venezuela e que foi agravada pela pandemia, a partir de 2017 houve registros da presença migratória do povo warao em movimentos de deslocamento. Inicialmente, o movimento se deu dentro do próprio país, em seguida, houve o deslocamento para a migração rumo ao Brasil em suas diversas regiões a partir de 2018, que tem se intensificado em anos

recentes nos municípios, de 2020 em diante, fazendo emergir uma série de discussões e pautas de estudos, pesquisa e análise por muitas disciplinas (Baeninger; Silva, 2018; Moreira, 2018).

A dispersão geográfica da migração indígena venezuelana warao ocorreu pela incorporação no programa do governo Federal, publicado por Decreto Presidencial, chamado “Operação Acolhida” (Brasil, 2018). Por meio da instrumentalização das diferentes estratégias de acolhimento, levou-se a cabo a federalização dos processos de tal modo que os fluxos logo se expandiram para outras regiões e capitais.

No Nordeste, as migrações das famílias warao ocorreram rumo aos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Alagoas, havendo ainda um fluxo muito menor e escassamente estudado que se deu no estado de Sergipe (Rosa, 2020).

Trazendo mais especificamente o caso da região Nordeste e do estado de Alagoas, foi considerado, para efeito de demonstração de estudos dos fatos e fenômenos sociais, a chegada de famílias migrantes venezuelanas indígenas Warao em Maceió em 2021; nesse presente contexto, tratou-se de uma emergência que acionou imediatamente a Secretaria de Assistência Social do Município (Semas) e gerou um desafio institucional pela falta de experiência com a problemática.

O marco institucional da Assistência Social, no estado de Alagoas e em Maceió, iniciou suas ações voltadas à proteção social dos migrantes venezuelanos, inicialmente pelo tema da Covid-19 e, posteriormente, pela mobilidade de warao no município desde 2022.

Tratou-se, portanto, de uma oferta de serviço de acolhimento institucional para migrantes e refugiados venezuelanos indígenas e não indígenas, oriundos de fluxo migratório provocado por crise humanitária. Para tanto, elaborou-se um plano de trabalho que, após submetido à apreciação do Conselho Municipal de Assistência Social de Maceió, foi aprovado conforme Resolução CMAS nº 055/2022, publicada no Diário Oficial de Maceió, em 17 de agosto de 2022. A proposta de apresentação do plano municipal, em seu momento, teve como objetivo orientar todos os segmentos governamentais que prestavam atendimento às populações vulneráveis para que dessem assistência às pessoas migrantes nos processos de identificação, provisão de assistência e, preferencialmente, no acolhimento integral por parte do município que os recebesse (Barbosa, 2018; Acnur, 2019; Rosa, 2020).

Em Alagoas a elaboração do Plano visava atender ao Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta (TAC), nº 001/2022, em que o município de Maceió e Arapiraca assinaram com o Ministério Público Federal e a Defensoria Pública da União para a execução da atenção às famílias migrantes warao, que chegaram no estado de Alagoas em um total de 13 famílias, como informa a Plataforma “Painel da Estratégia de Interiorização do Governo Federal” (OIM, 2022). É importante ressaltar que a necessidade de um plano de política migratória para os venezuelanos

não foi algo novo para alguns estados do Brasil, nem para os municípios e tampouco para Maceió. Nesse sentido, a Acnur publica em 2019 uma nota informativa sobre como os municípios deveriam receber os migrantes venezuelanos, incluindo-se indígenas.

A nota ressaltava que os municípios teriam um papel fundamental para uma política ordenada e segura, tanto no acolhimento dessa população, quanto para que houvesse uma resposta imediata e pudesse “articular uma coordenação efetiva entre os diversos atores engajados” (Acnur, 2019, p. 4). Precisamente, é nesse ponto do “engajamento” em que ocorre e ocorreram com muita frequência confusões de atribuições por parte dos órgãos envolvidos no acolhimento e, justamente por não haver diretrizes claras, ficando a critério subjetivo das instituições, do poder público e da cidadania aplicarem o tratamento que acharem conveniente.

A leitura sobre a xenofobia, discriminação por raça, principalmente, quando os fluxos migratórios visibilizam questões muito presentes no país, destacam-se os trabalhos publicados por Sidney Antônio da Silva, desde o âmbito disciplinar antropológico, sobre a chegada e acolhimento da migração, situação de vida precária e do trabalho que enfrentaram migrantes bolivianos em São Paulo e, posteriormente, discutindo aspectos como as redes de acolhimento no caso dos haitianos (Silva, 2017) e algumas publicações sobre o caso dos venezuelanos no norte do Brasil.

Sobre casos e tratos ou tratamentos (Desidério, 2018), frequentemente, cria-se um sistema de governança intersetorial que reunidos, tornam possível não só conhecer fortalezas das alianças de colaboração institucional, mas também a criação de estigmatizações e articulações discriminatórias, deixando muito a vista aspectos como: atropelos de ações humanitárias; ausência de livre acesso a informações sobre o acolhimento; ausência de colaborações efetivas entre os setores governamentais; falta de compromisso em compartilhar informação relevante para que se entenda, de maneira conjunta, o problema; e tomar as devidas decisões de maneira formal.

Na atualidade da produção do conhecimento científico, tem sido a ajuda das tecnologias digitais e móveis que auxiliam na recopilação de informações sobre determinada problemática; destaca-se como exemplo a etnografia em linha, inspirado em experiências de pesquisa antropológica com meios digitais, considerando como tem ressaltado Segata nos seus trabalhos, chamando a atenção sobre as tecnologias digitais e sua funcionalidade como infraestrutura acadêmica no fazer etnográfico (Segata, 2004; Segata; Segata, 2024).

O uso de tecnologias digitais na captura de conteúdos, imagens etc., tem provocado muitas discussões pelo âmbito da ética e do entendimento sobre a validade dos dados analisados. Para o desenho metodológico das ações de extensão, recupera-se a análise de retórica, atualizada pelas novas técnicas etnográficas com uso de metodologia aplicada pelas tecnologias digitais. Ajustam-se relatos anônimos, recuperados de redes sociais e, mais precisamente, pelos grupos de WhatsApp (Hine, 2015), com recopilação de

observações participantes, para construir o entendimento sobre a temática que se desenvolve nos projetos de extensão e pesquisa; para isso, foram revisadas metodologias baseadas na etnografia multissituada (Moraes, 2021; Ash *et al.*, 2028; Méndez; Aguilar, 2014), e de uso de material digital, principalmente, ao se tratar de olhares com enfoque transdisciplinar.

Resgatam-se, portanto, falas institucionais captadas em reuniões diversas, que se assistiu como membro do Comitê; inclusive, com a participação de bolsistas dos projetos. Tratava-se também de espaços com representações intersetoriais, governamentais e não governamentais, sendo todos aqueles que foram nomeados pela Portaria municipal; ou seja, falas de diferentes instituições, carregadas de intencionalidades, com uma imensa riqueza etnográfica.

Das retóricas que se destacam, recupera-se as que mais chamaram à atenção, dado que, em efeito, indicavam as contradições e conflitos nesse processo; tal caso foram as falas masculinas de representantes governamentais federais que teceram, em alguns momentos os seguintes comentários:

Eles (warao) têm que decidir, ou é imigrante ou é indígena. Mais a instituição não teria a obrigação de atendê-los e muito menos mantê-los, quando não damos conta nem dos nossos indígenas!

As opiniões de representantes da Casa refúgio que abrigava as famílias warao, também foram consideradas importantes nesse contexto de recopilação de informações para recuperar as posturas emitidas nos grupos de whatsapp. A análise considerou a cadeia de emissão e recepção das mensagens que provocavam um certo estranhamento, por serem falas femininas de pessoas que estavam prestando os serviços de acolhimento e por expressar posturas, inclusive, xenofóbicas. Isso ocorreu não somente em algumas ocasiões, mas reiteradamente, emitindo-as em grupos, como a opinião expressada com o seguinte comentário:

A situação é essa, ... eles vivem em casos de embriaguez! Todo final de semana a gente (Casa) cansa de receber reclamações e mais reclamações dos prédios vizinhos. Os próprios síndicos dos prédios ao lado já chegaram a chamar a polícia para isso porque não suportam o som alto e a gritaria de todos eles, e todas as vezes que bebem, eles são agressivos e quebram tudo dentro da casa, né! A Casa tem normas e a gente vai deixar tá (sic) quebrando tudo e ficar agredindo a gente? Não, não vai?... então assim..., é um caos (Falas da administração do abrigo, mensagem postada no grupo WhatsApp, abril 2023).

A Casa de acolhimento, através dos posicionamentos de alguns dirigentes, também gerava opiniões controversas e pouco éticas dentro do próprio Comitê, com falas de representantes que, por vezes, promoviam opiniões discriminatórias aos migrantes indígenas. Caso específico, foi o conteúdo postado no próprio grupo de WhatsApp do Comitê Municipal, tornando pública a fala de uma pessoa vizinha da Casa, síndica de um

prédio residencial que se localizava ao lado onde estavam abrigadas as famílias.

A mensagem traz muitos elementos para serem discutidos no contexto; não obstante, resgata-se a mensagem na íntegra entendendo que se trata de uma fala feminina, que em alguns momentos destaca sua postura sobre quem teria mais direito como residente e a diferença deles, evidenciando que os warao seriam apenas usuários daquele lugar.

Regressando ao tema das falas, recupera-se o seguinte relato que foi manifestado, por mensagem de whatsapp, executado na observação participativa em campo, cujos fatos sucederam dentro da Casa de refúgio, em uma situação na qual os relatos estimulam respostas por parte de residentes vizinhos da casa, por estar localizada em um bairro tradicional, nas proximidades do centro da cidade, onde vive uma classe média alta. As falas anônimas, diferenciadas por categorias de interlocutores de gênero masculino e feminino, foram captadas nas mensagens publicada no grupo de whatsapp, em datas muito próximas a meses específicos nos quais foram registrados conflitos dentro da casa. As mensagens que chegavam pelo celular evidenciaram aspectos subjetivos e xenofóbicos, como se mostra a seguir:

Meu Deus (fulana)! Eu tenho acompanhado! ...assim, porque a minha janela fica em frente a eles (ao abrigo) e eu acordo muitas noites assustada, sempre final de semana, onde se ouve gritos e muito barulho vindo de lá. E, o último domingo passado que eu acordei, de domingo para segunda, foi tanto grito! Eu digo, meu Deus alguém vai socorrer esse povo aí! Né possível, eu fiquei preocupada porque parecia que alguém estava matando. E eu fiquei na janela o tempo todinho, rezando e olhando para ver se chegava alguém para socorrer, mas não chegou ninguém. Mais hoje, de madrugada, também acordei já de manhã quase e acompanhando e vi quando a polícia chegou (Fala feminina anônima 1, mensagem repostada no grupo de WhatsApp, abril 2023).

Nesse entramado de estímulos, houve manifestações de apoio às falas discriminatórias. Assim, o discurso emitido pelas falas publicadas por mensagem de áudio tornou-se material importante para compreender as dimensões peculiares daquelas pessoas que participavam da chamada política de atenção migratória, como mostra o seguinte relato:

Éh! Infelizmente, né (fulana)? Assim, ... é ..., aqui, todo mundo está acostumado com essa paz aqui do Farol né? E onde a gente mora é muito sossegado, qualquer coisa assim anormal a gente se assusta. Eles podiam viver a vida toda aí se fossem calmos né, se não perturbassem a vizinhança mais, infelizmente, é isso: o álcool e, às vezes até droga também infiltrada né (...). Vieram de lá pra cá esse povo, mais aqui se comportam desse jeito! Eles assim ..., como eles

foram tão bem acolhidos né? Mas é isso, é a humanidade (Fala feminina anônima, mensagem repostada no grupo de WhatsApp, abril 2023).

A partir dessas situações conturbadas, a Casa acionou o Ministério Público e a Defensoria, para que eles pudessem criar regras para o convívio na Casa. Logo, criou-se um regulamento normativo para conviver no abrigo, especificamente, para essa população migrante. Uma resolução unilateral, por parte dos prestadores de serviço contratados pela prefeitura, no qual a administração do abrigo tomou a decisão de colocar vigilância policial civil para inspecionar a todos migrantes que ingressavam naquele lugar, exigindo que quando saíssem às ruas, teriam que passar por revisão corporal.

As práticas do biopoder e do conduzir e governar as massas (Foucault, 1979, 2006; Desidério, 2016) são comuns, ainda mais tratando-se de migrantes e venezuelanos indígenas. São criadas no exercício do poder sobre o outro, na tutela que em muitas circunstâncias justificam a criminalização da migração, quase sempre com o respaldo governamental, nesse caso, do governo municipal e da secretaria que corresponde a assistência social.

Tais situações geram-se como resultado de muitas controvérsias, contradições e conflitos para mais além das que, de maneira estratégica, desenvolvem-se envolvendo as famílias migrantes que chegam nos municípios. Ainda pelo caminho da etnografia presencial, em visita de campo nas casas de abrigamento, foram observadas algumas práticas adaptativas ao lugar. A primeira delas tem a ver com o uso de cartazes para pedir ajuda nas ruas, como prática recorrente da etnia warao (Figura 1).

Figura 1. Cartaz elaborado pelos migrantes abrigados em Maceió



Fonte: Visita ao abrigo, arquivo de imagens dos projetos, 2022.

Sobre a mendicância, como uma pauta bastante estudada pela antropologia dos warao, o que se observou em conversas com integrantes da casa onde se encontrava o cartaz foi que, para essa população, seria uma questão de sobrevivência. Nesse contexto, mais que buscar ajuda nas ruas como prática, tornou-se estratégia na mobilidade e representa uma forma de vida que a população warao tem adotado, para viver em áreas urbanas desde quando moravam na Venezuela (Castro, 2000).

A evidência sobre estas famílias warao nas ruas em estado de mendicância era visto, na opinião dos cidadãos, como um fato que estava mudando a paisagem de Maceió, em contraposição à imagem que o município vende como destino turístico importante do Nordeste, conhecido mundialmente por suas belezas naturais. A imagem com a presença dos warao em Maceió tornou-se uma preocupação imediata para as autoridades e gestores do município, cuja tarefa a partir dessa problemática era evitar que as publicidades emitissem mensagens negativas nos meios digitais (Santos, 2021).

A necessidade de acolhimento Warao em situação de vulnerabilidade em Alagoas, com a chegada de diversas famílias, ocorreu inicialmente em fevereiro de 2021. Arapiraca e Maceió entram no Programa de Interiorização e recebem aproximadamente 80 pessoas. Foi designado

recurso cofinanciado entre o Fundo Estadual de Combate e Erradicação da Pobreza (Fecoe) e Fundo Nacional de Assistência Social (Fnas).

Nesse processo, autorizou-se o repasse emergencial de recursos federais para a execução de ações socioassistenciais aos municípios que recebessem contingentes oriundos de fluxo migratório provocado por crise humanitária (Portaria MC nº 723, de 21 de dezembro de 2021).

Com relação às formas de adaptação que ocorrem nos processos migratórios, uma evidência que chama a atenção nos trabalhos de campo é a exposição de elementos à vida cotidiana das pessoas migrantes, como reterritorializam os lugares de acolhida, como ressalta Trovar (2021) e ilustrado pela imagem capturada em uma visita ao albergue (Figura 2).

Figura 2. Reterritorialidade doméstica warao em Maceió



Fonte: Arquivo de imagens dos projetos, 2022.

É importante ressaltar que as famílias que chegaram a Alagoas já vinham de um processo de mobilidade geográfica pela região no qual, inclusive, instalaram-se por algum tempo em outras cidades e logo se deslocaram a um outro estado, configurando-se uma rede de “parentes”, como eles assim os consideram. São processos em que eles refazem suas práticas cotidianas e ajustam alguns costumes, como foi observado na visita de campo ao abrigo, captando algumas imagens da cotidianidade warao em Maceió.

WARAO NA UFAL. A DIVERSIDADE ÉTNICA MIGRATÓRIA NOS PROJETOS EXTENSÃO, PIBIC E VIVÊNCIA ARTÍSTICA

A partir do desenho da pesquisa inicial sobre a migração internacional venezuelana de indígenas da etnia Warao no Brasil, construiu-se estratégias conjuntas que foram sendo ajustadas à medida que se davam oportunidades de participação nos editais, cujos projetos aprovados com cotas de bolsas foram os seguintes:

- a) Projeto de Extensão - “Cartografia da governamentalidade representativa na migração venezuelana indígena Warao em Alagoas” (ago-dez. 2022). O objetivo foi realizar um projeto integrador de extensão dialógica sobre a geografia da migração de venezuelanos indígenas Warao, com estratégias metodológicas que resultem na cartografia da governamentalidade sobre a situação e condição em Maceió.
- b) Projeto PIBIC - “Fronteiras de interculturalidade na interiorização de migrantes indígenas venezuelanos: dinâmicas socioespaciais da acolhida dos Warao no estado de Alagoas” (set. 2022 a ago. 2023). O objetivo foi realizar um estudo sobre as contradições entre interculturalidade e integração na produção do espaço da migração internacional da população migrante indígena venezuelana Warao em Alagoas.
- c) Projeto Vivências Artísticas - “Cosmos-Corpus-Praxe na geografia da arte e cultura Warao: jornada de vivências de cosmogonias e expressões artísticas no acolhimento de migrantes indígenas venezuelanos na UFAL” (nov. 2022 a abr. 2023). O objetivo foi realizar uma jornada artística e cultural de expressões de diversidade que desperte o interesse sobre o cosmos-corpus-praxe dos Warao, através de vivências cosmogônicas e mostras de acolhimento dos migrantes indígenas venezuelanos na UFAL.

Diante de uma perspectiva bastante favorável para desenvolver ações de extensão, houve uma abertura de comunicação e diálogo dentro da UFAL e nos diferentes âmbitos acadêmicos, desde os programas até a gestão no Campus, envolvendo direções, coordenações e Pró-Reitorias que correspondiam aos projetos, para que fossem executadas as ações de maneira ótima.

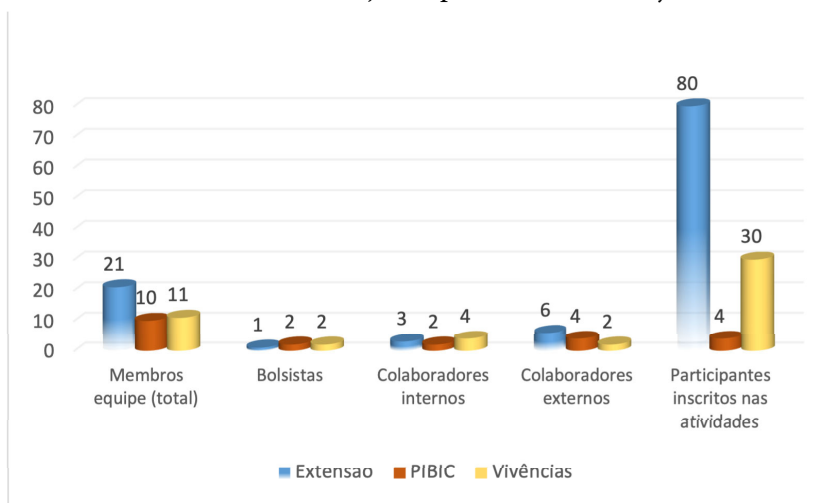
Destacam-se alguns resultados que serão relatados nesse trabalho, considerando que tais evidências são as que mais tornaram real a possibilidade de promover, cada vez mais, ações de extensão, principalmente quando se incluem pautas de diversidade.

Fazendo uma breve caracterização do perfil populacional dos beneficiados nas ações de extensão, alguns elementos apontaram a existência de replicar as experiências, dado que todos os projetos foram de tipo interno, ainda que as ações possibilitaram trazer parcerias importantes para a execução das atividades, como foi da Prefeitura de Maceió, especificamente, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social e da Casa refúgio, lugar de abrigo das famílias warao.

Os projetos contaram com a colaboração de Grupos de Pesquisa do IGDEMA UFAL e foram desenvolvidos com o apoio do Laboratório de Dinâmica Urbana, Planejamento e Gestão, e da linha de pesquisa Dimensão socioespacial da exclusão social e urbanística no estado de Alagoas. Destaca-se como parceria interna, com muita relevância na execução das ações de extensão, o Centro de Educação (CEDU) pelo curso de pedagogia. As colaborações externas também se deram com algumas Universidades Federais no Brasil, como foi com a Unila e universidades do México, como a Universidad Intercultural del Estado de Puebla.

Com relação a distribuição populacional no conjunto dos projetos, como se mostra no gráfico 1, ocorreu uma diversidade de perfis, ressaltando-se que foi no projeto de extensão e vivências em que se obteve a maior adesão e participação nas atividades com um volume expressivo de pessoas interessadas. Desse modo, foram inscritos como membros que compunham a equipe, com atividades assignadas e carga horária, 42 participantes, dos quais 21 foram do projeto extensão, 10 do PIBIC e 11 das ações do projeto Vivências.

Gráfico 1. Distribuição Populacional nos Projetos



Fonte: elaboração própria, 2024.

Do total de colaboradores, entre internos (nove) e externos (doze), destaca-se que o projeto Vivências alcançou uma maior colaboração de integrantes da UFAL, considerando a parceria Igdema-Cedu estratégica para implementar as atividades de mostra e venda de artesanato warao em eventos que propiciaram a visibilidade dessa etnia migrante da Venezuela.

A concessão de cotas de bolsista representou um grande estímulo para a execução dos projetos, os quais foram contemplados com cinco bolsas (Proex, Pibic-Ufal/Cnpq e Proest). Ressalta-se, ademais, que foi executada a estratégia de apoio mútuo em que um bolsista produzia resultado não somente para seu plano de trabalho, mas também para ajudar a melhorar a compreensão do tema entre eles. Dos apoios mútuos, em consenso, foram executadas algumas ações em conjunto que estavam vinculadas com metas para o projeto extensão, como foram dois importantes eventos, igualmente submetidos como subprojetos da Cartografia da governamentalidade representativa, que foram: minicurso sobre “Direitos Humanos e Justiça Social na migração: acolhendo a diversidade de população venezuelana indígena warao em Maceió”; e oficina de capacitação na metodologia de Focus Group com o tema “migração venezuelana indígena warao em Alagoas”.

Tais iniciativas tinham como objetivo alcançar o maior número de público possível para comunicar e sensibilizar sobre a temática migratória e a problemática que se apresentava na prática cotidiana em Maceió. Nesse contexto, a ampla divulgação nos canais das redes sociais – a partir das iniciativas dos bolsistas, utilizando estratégias constantes de impulsionamento das ações dos projetos e, ao mesmo tempo, a partir da execução dos cursos nos quais a equipe tornava-se aprendiz a cada etapa realizada do plano – demonstrou-se uma experiência enriquecedora.

Desse modo, o processo de produção de materiais para divulgação e abertura das inscrições do minicurso iniciou-se a partir da definição do cronograma das atividades, exposto nas reuniões. A divulgação ocorreu utilizando o canal do Instagram criado para os projetos (@dinamicassocioespacialufal), no qual postava-se anúncios, imagens e cards que eram repostados por outras contas do Instagram como do Cageo – UFAL, além de divulgação nos grupos do curso de Geografia do Igdema-Ufal.

O minicurso alcançou um número de 108 matriculados na plataforma Even3 e Sigaa, com um amplo público dos mais diversos perfis como: estudantes da UFAL, estudantes da Uneal, professores da rede municipal e estadual de ensino de Alagoas, servidores públicos federais e pesquisadores de outros estados.

Por se tratar de uma proposta que deveria ser executada imediatamente e alcançar um volume substantivo de público, optou-se por oferecer atividades de tutoria que ocorreram de forma permanente através do WhatsApp e e-mail. No modo assíncrono, as atividades ocorreram utilizando a plataforma Padlet para participação nos fóruns e compartilhamento de indicações bibliográficas.

A oficina de Focus Group foi totalmente presencial e ofertada de maneira abrangente à comunidade interna e externa da UFAL, contabilizando 30 (trinta) inscrições no sigaa. As ações práticas foram desenvolvidas no dia 19 de novembro de 2022. Tratou-se da realização

de dois momentos: o primeiro compreendeu uma sessão teórica com delineamento da metodologia do Grupo Focal, enquanto o segundo desenvolveu-se com atividades práticas e consistiu-se na divisão dos participantes em três equipes, constituindo-se como grupos focais, sendo orientados pela coordenação do curso e acompanhados pelos bolsistas integrados ao projeto.

Tratou-se de um momento bastante interessante de interação com o tema e entre estudantes de diferentes cursos. Como resultados, de maneira geral, foram debatidos dentro de grupo e, na sequência, apresentados os seguintes pontos:

1. Que havia uma total ausência de informação a respeito dessa população, ainda que um participante ou outro já tivesse visto em alguns semáforos;
2. Que, inclusive, dentro da própria Universidade, ainda que tenham como colegas pessoas indígenas, não havia familiaridade com o tema migratório, principalmente para quem estava no curso de Pedagogia;
3. Que se fazia necessário ampliar os canais de informação e comunicação sobre os migrantes indígenas e que a universidade fosse um lugar também de acolhimento e, principalmente, de reconhecimento dessa população pela sua diversidade.

Outra execução de ações de extensão relevante foi observada de maneira participativa pelo projeto Atividade Curricular de Extensão (ACE), “Diálogos e troca de saberes”, cujo objetivo foi promover a extensão universitária da UFAL com a comunidade dos povos indígenas warao em Maceió e, principalmente, dialogar e conhecer a comunidade a partir de Círculos de Cultura inspirados em Paulo Freire.

Na realização das atividades dos warao na Ufal, contou-se com a participação de quatorze membros das famílias migrantes, as quais chegaram acompanhados por dois técnicos da Casa onde se encontravam abrigados. Compareceram ao local, homens, mulheres e crianças que foram atendidas por uma equipe de alunos da Pedagogia.

A troca de saberes foi organizada a partir da divisão dos grupos de alunos e alunas, a partir dos eixos temáticos: artesanato, culinária, saúde, práticas de cura e educação. O diálogo e compartilhamento se deu, inclusive, com estudantes indígenas da etnia Wassu-Cocal de Joaquim Gomes, em Maceió. Do acolhimento inicial até o encerramento, os acontecimentos se desenrolaram de maneira harmoniosa e respeitosa, como se mostra a interação registrada na Figura 5.

Figura 5 - Encontro com Indígenas Warao – Projeto de intervenção na UFAL



Fonte: Arquivo de imagens dos projetos, 2022.

A partir dos diferentes momentos de interação e dinâmicas desenvolvidas em roda de dança, entrevistas sobre usos e costumes com ervas, expressões de canto em língua warao e acompanhamento das crianças na brinquedoteca, alguns resultados observados trouxeram como conhecimento aos estudantes da UFAL que houve pouca interação das mulheres, tendo elas quase não participado das abordagens, talvez pela limitação da comunicação em língua portuguesa, e se comunicavam, principalmente, pela sua língua originária warao, resultando, no geral, em poucas as informações compartilhadas por elas. Isso se deu ao contrário das crianças, as quais mantinham uma fluidez de interação em muito menos tempo e era notável que se sentiam bastante confortáveis e permaneciam afastados de suas mães de maneira muito tranquila, resultando em um momento pedagógico bastante favorável.

Outro momento relevante de aproximação dos Warao na UFAL se deu com a execução do espaço de venda de artesanato feito pelas famílias migrantes indígenas, realizado pelo projeto Vivências artísticas. Tratou-se de uma ação contemplada no projeto “Cosmos-Corpus-Praxe na geografia da arte e cultura warao: jornada de vivências de cosmogonias e expressões artísticas no acolhimento de migrantes indígenas venezuelanos na UFAL”, cujo alcance das ações compreendia, entre outras atividades, a implementação do corredor de exposição de artesanato warao que aconteceu em dezembro de 2022.

A ação tinha como meta: sensibilizar sobre a presença da mulher migrante warao na atividade produtiva artesanal, estimular o consumo de artesanato étnico e despertar o interesse pelas técnicas com os diversos materiais de manufatura artesanal utilizada por eles.

A implementação do corredor de exposição de artesanato warao, que ocorreu no marco da 9ª Semana Internacional de Pedagogia, foi executada com colaborações estratégicas que serviram como importantes parcerias. O projeto de extensão cartografia da governamentalidade também esteve presente com um Cartaz Infográfico sobre os resultados em cifras e em textos das ações conjuntas. A ação contou, ademais, com o apoio do Projeto Pibic, que criou etiquetas personalizadas para a venda dos artesanatos, agregando valor cultural e reconhecimento dos trabalhos artísticos dos migrantes warao na UFAL (Figura 6).

Figura 6. Parcerias na execução da mostra de artesanato e venda de produtos



Fonte: Arquivo de imagens dos projetos UFAL 2022-2023.

Algumas pessoas informaram que não conheciam a arte e a cultura warao e outras que sim, já havia tido informação sobre eles em Maceió, contudo, resultou em uma dinâmica socioespacial bastante favorável para visibilizar, tanto a presença do gênero quanto da diversidade, através dos projetos de extensão e de algumas artes que foram vendidas na ocasião. É importante salientar, também, que o espaço cedido também foi utilizado como corredor de mostra e informação dos outros projetos de extensão, inclusive.

Os bolsistas Pibic, cujos perfis já contavam com experiência na entrega dos relatórios, por consenso, optaram por realizar a divulgação de resultados de suas produções em outros formatos distintos da participação na semana de exposições dos trabalhos de pesquisa, ainda que tenham produzido muito material sobre os temas em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver um projeto de extensão, em si mesmo, significa mover muitas estratégias e o que se realizou durante o período 2022-2023 na UFAL, não teria sido possível sem o componente que foi apontado no início do texto que está relacionado com o aproveitar as brechas de oportunidades. Considera-se, portanto, que houve um avanço na promoção e sensibilização sobre a presença dos warao na UFAL, ao propiciar muitos benefícios, inclusive de reconhecimento desses migrantes, para mais além dos muros da UFAL.

Algumas atividades foram imensamente gratificantes, destacam-se algumas como: as reuniões semanais com os bolsistas, coordenadoras adjuntas e algumas vezes com convidados warao também presentes na discussão de pautas de atividades; a metodologia de ações participativas permitiu realizar, com bastante tolerância, ajustes necessários no cronograma, assim como cultivar um profundo espírito de colaboração constante da equipe de bolsistas; e, enfim, as atitudes proativas entre eles, trocas de experiências e os abraços aos inexperientes que provavam ser bolsistas pela primeira vez, somaram-se como ações humanas de empatia pelo saber e pelo aprendizado que poderão resgatar em seus processos formativos posteriores.

Como aspecto positivo para a execução de projetos de extensão, destaca-se o potencial da gestão para executar ações em tempo e forma, sobretudo quando conta com alguma autonomia para desenvolver as propostas; elemento esse, que as instituições podem oferecer a quem coordena os projetos para sentir-se com liberdade suficiente para aplicar e replicar as metodologias participativas na extensão, como foi o caso do projeto com os warao. Referente aos impactos na formação acadêmica dos bolsistas e de todos e todas as participantes das atividades, considera-se que houve um resultado muito expressivo, tanto no curso de geografia como da pedagogia.

Claro está que o tema desenvolvido sobre a migração internacional indígena warao não era de fácil compreensão inicial para a comunidade universitária. Contudo, derivado das competências, habilidades e atitudes desenvolvidas e apresentadas com o apoio deles, obteve-se um resultado excelente, conforme avaliação dos Relatórios finais.

Ressalta-se como resultado favorável, também, o expressado pelos bolsistas como interesse por dar seguimento aos estudos sobre a temática das migrações e das pessoas migrantes na capital Maceió, principalmente porque foram desenvolvidas muitas ações em conjunto com outros projetos.

Finalmente, o que o warao na Ufal mostrou foi que, certamente, haveria muitos desses espaços a serem explorados nos rincões universitários, aproximando temas e problemáticas no âmbito da diversidade como foi o esforço feito por toda a equipe que viabilizou tornar possível a visita deles no Campus.

Portanto, enquanto não se coloca a extensão no mesmo nível de interesse da pesquisa, realizar colaborações ainda seria o melhor caminho, abrindo as fronteiras para visualizar a existência desse e que possa, posteriormente, receber outros povos originários como foram os warao na Ufal, cujas ações permitiram, ao mesmo tempo, um acolhimento mais humanizado à diversidade para essas famílias que ademais entram em processos migratórios e os lançam às ruas de espaços urbanos que os inviabilizam cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Nota Informativa para Municípios sobre chegadas espontâneas de população venezuelana, incluindo indígenas**. Brasília, DF: ACNUR; Ministério da Cidadania, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/08/Nota-Informativa-para-Munic%C3%ADpios.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Interiorização beneficia mais de 50 mil refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil. **ACNUR Brasil**, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/interiorizacao-beneficia-mais-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-brasil/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ASH, J.; KITCHIN, R.; LESZCZYNSKI, A. Digital turn, digital geographies? **Progress in Human Geography**, [s. l.], v. 42, n. 1, p. 25-43, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132516664800>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BAENINGER, R.; SILVA, J. C. (coord.). **Migrações venezuelanas**. São Paulo: NEPO-UNICAMP, 2018.

BARBOSA, C. Migrante cidadão: a sobrevivência dos Warao em Belém e Santarém. **Amazônia Real**, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-sobrevivencia-dos-warao-em-belem-e-santarem/#:~:text=Houve%20uma%20pequena%20redu%C3%A7%C3%A3o%20de,149%20ind%C3%ADgenas%20da%20mesma%20etnia>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BASKERVILLE, R.; MYERS, M. D. Special Issue on Action Research in Information Systems: Making is Research Relevant to Practice: foreword. **MIS Quarterly**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 329-335, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25148642>.

BRASIL. **Decreto nº 9.285, de 15 de fevereiro de 2018**. Reconhece a situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9285.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%209.285%2C%20DE%2015,na%20Rep%C3%ABlica%20Bolivariana%20da%20Venezuela. Acesso em: 20 set. 2022.

DESIDÉRIO, E. J. (coord.). **Semillero de Iniciación Científica en Sustentabilidad e Interculturalidad**: metodologías formativas y aplicadas al enfoque de educación intercultural de tipo superior. México: Universidad Intercultural del Estado de Puebla, 2020. Disponível em: <https://www.uv.mx/sociologia/files/2021/02/Semillero-de-iniciacion.-Ebook.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

DESIDÉRIO, E. J. **Espacio transitado Tiempo gobernado**: el derecho al paso migratorio en la frontera sur de México. Jalisco: Universidad de Guadalajara, 2018.

DESIDÉRIO, E. J. Gubernamentalidad representativa en la migración: Aportes de transnacionalismo en la política de gestión migratoria en Chiapas. **Revista Internacionales**, [s. l.], v. 2, n. 4, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.uas.edu.mx/index.php/RI/article/view/405>. Acesso em: 4 nov. 2024.

DESIDÉRIO, E. J. **Migração internacional com fins de estudo**: o caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Seguridad, Territorio, Población**. Curso en el Collège de France (1977-1978). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

CASTRO, A. A. G. Mendicidad indígena: los warao urbanos. **Boletín Antropológico** [s. l.], n. 48, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://ciscuve.org/wp-content/uploads/2017/11/BAULA-Mendicidad-Indigena-Warao-Alvaro-Garcia-Castro.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2024.

HINE, C. **Ethnography for the internet**: embedded, embodied and everyday. London: Bloomsbury, 2015.

MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, [s. l.], v. 13, n. 30, p. 169-183, set./dez. 2012.

MORAES, C. Da etnografia multissituada aos métodos móveis: um relato etnográfico móvel do turismo em favelas, **Áltera**, João Pessoa, v. 1, n. 12, p. 209-237, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/download/57916/34288/170862>. Acesso em: 26 mar. 2024.

MOREIRA, E. Os warao no Brasil em cenas: “o estrangeiro”. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 56-69, 2018. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/25457. Acesso em: 23 mar. 2024.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. **Painel de**

Monitoramento da Estratégia de Interiorização do Governo

Federal, 27 nov. 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/painel-da-estrategia-de-interiorizacao-do-governo-federal>. Acesso em: 23 mar. 2022.

RODRIGUES, F. Configuração migratória no lugar Guayana: uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração Internacional na Pan-Amazônia**, Belém: UFPA NAEA, 2009. p. 223-236.

RODRIGUES, F.; VASCONCELOS, I.; HOST, C. R. Cruzando fronteiras. Famílias migrantes na tríplice fronteira Brasil – Venezuela – Guiana. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [s. l.], v. 16, n. 31, 2010. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/104>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ROSA, M. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito**: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA. 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/905159.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MÉNDEZ, M. R. R.; AGUILAR, G. A. Etnografía virtual, un acercamiento al método y a sus aplicaciones. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, [s. l.], v. 21, n. 41, p. 67-96, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/316/31639397004/html/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SANTOS, C. Venezuelanos buscam ajuda em sinais de trânsito de Maceió. **Gazeta de Alagoas**, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/cidades/333331/venezuelanos-buscam-ajuda-em-sinais-de-transito-de-maceio>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SEGATA, J. **Na fogueira on-line**: uma etnografia da construção de subjetividade e sociabilidade na relação com as novas tecnologias pelos professores de uma escola pública estadual em Santa Catarina. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Rio do Sul, 2004.

SEGATA, J.; SEGATA, J. B. La etnografía no es minería de datos. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 30, n. 68, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/NqKPhsvmhSgJXvJLq7xvc7L/?lang=es>. Acesso em: 20 set. 2024.

ALCÁNTARA, G. S. Modelos de Extensión Universitaria en México. **Revista de la Educación Superior**, [s. l.], v. 33, n. 131, p. 77-103, 2004. Disponível em: <http://publicaciones.anuies.mx/revista/131/2/1/es/modelos-de-extension-universitaria-en-mexico>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SILVA, S. A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos

no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 99-117, 2017. Disponível em: <https://rebepe.emnuvens.com.br/revista/article/view/873>. Acesso em: 5 nov. 2024.

TROVAR, M. R. Geografía y migración. El valor cultural del territorio. **Universidad de Guanajuato**, 26 set. 2021. Disponível em: <https://www.ugto.mx/investigacionyposgrado/eugreka/contribuciones/399-geografia-y-migracion-el-valor-cultural-del-territorio>. Acesso em: 23 set. 2024.

UNIVERSIDAD INTERCULTURAL DEL ESTADO DE MÉXICO. **Modelo Intercultural**. 2024. Disponível em: <https://uiem.edomex.gob.mx/modelo-intercultural#:~:text=El%20modelo%20educativo%20intercultural%20tiene,y%20prop%C3%B3sitos%20de%20las%20mismas>. Acesso em: 23 set. 2024.

UNFPA. Fondo de Población de las Naciones Unidas. **Población, desigualdad y políticas públicas: un diálogo político estratégico**. 1. ed. Venezuela: CDB publicaciones, 2006. Disponível em: https://www.unfpa.org/sites/default/files/admin-resource/Venezuela-Poblacion-desigualdad-y-politicas-publicas_0.pdf. Acesso em: 17 abr. 2022.

YAMADA, E.; TORELLY, M. (org.). **Aspectos jurídicos da atenção aos indígenas migrantes da Venezuela para o Brasil**. Brasília, DF: Organização Internacional para as Migrações; Agência das Nações Unidas para as Migrações, 2018.

VILLASANTE, T. De los movimientos sociales a las metodologías participativas. In: DELGADO, J. M.; FERNÁNDEZ, J. G. (coord.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995, p. 399-426.

Edilma de Jesus

professoraedijesus@gmail.com

Professora da Universidade Federal de Alagoas

Doutora em Geografia pela Universidad Nacional Autónoma de México, Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1413-4742>

Luiza Cristina Silva Silva

luisa.silva@cedu.ufal.br

Professora Adjunta no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, Cidade, Alagoas, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2486-3375>

Gabriela Kelly Pacheco dos Santos

gabrielafunai@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia no Instituto de Geografia, desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Cidade, Alagoas, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2732-2849>